



A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DO BAIRRO GABRIELA EM FEIRA DE SANTANA-BA: UMA ABORDAGEM SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Matheus Gomes Da Silva

Universidade Estadual De Feira De Santana-Ba
Geógrafo

E-mail: matheus19gomes@hotmail.com

Pós-graduando em Educação ambiental e sustentabilidade pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER

Telma Maria Sousa Dos Santos

Universidade Estadual De Feira De Santana- Ba (Uefs)
Professora Doutora Do Curso De Geografia

E-mail: telmaarq@yahoo.com.br

Coordenadora do grupo de pesquisa Espaço, Turismo e Ambiente (GETAM)

RESUMO:

Este trabalho traz informações sobre a transformação da paisagem do bairro da Gabriela, em Feira de Santana, Bahia, no contexto da produção do espaço urbano, contribuindo, assim, para o entendimento dos seus aspectos geográficos, configurados na relação dinâmica sociedade-natureza. É uma parte das discussões iniciadas em pesquisa para saber como o bairro foi sendo transformado no decurso do tempo e o que tem a revelar sobre o processo de produção do espaço. Para tanto, investigou-se quais foram as ações dos agentes produtores do espaço que contribuíram para essa transformação, bem como relacioná-las com a lógica capitalista de produção do espaço. Como resultados, verificou-se ações executadas pelo Estado, como um dos principais agentes de produção do espaço, pelos loteadores, pelos agentes fundiários voltadas para atender aos ditames do mercado. Percebeu-se como a relação sociedade-natureza se materializa na paisagem local e não difere da lógica que permeia a sociedade moderna, cuja racionalidade que norteia a produção do espaço é movida pela obtenção de lucro ao transformar o solo, a necessidade de habitar e viver em mercadoria contribuindo para o recrudescimento das desigualdades socioespaciais, uma vez que as populações que não possuem recursos financeiros para terem moradias adequadas ocupam áreas insalubres. Destarte, é a lógica capitalista global se refletindo na escala local.

Palavras-chave: Transformação da paisagem. Produção do espaço urbano. Capital.

Introdução

O espaço urbano pode ser entendido como a materialização do modo de vida urbano, como aponta Carlos (1994). Um modo de vida que, na sociedade ocidental, é permeado pela lógica capitalista – o viver, o habitar, o pensar, o consumir – que se

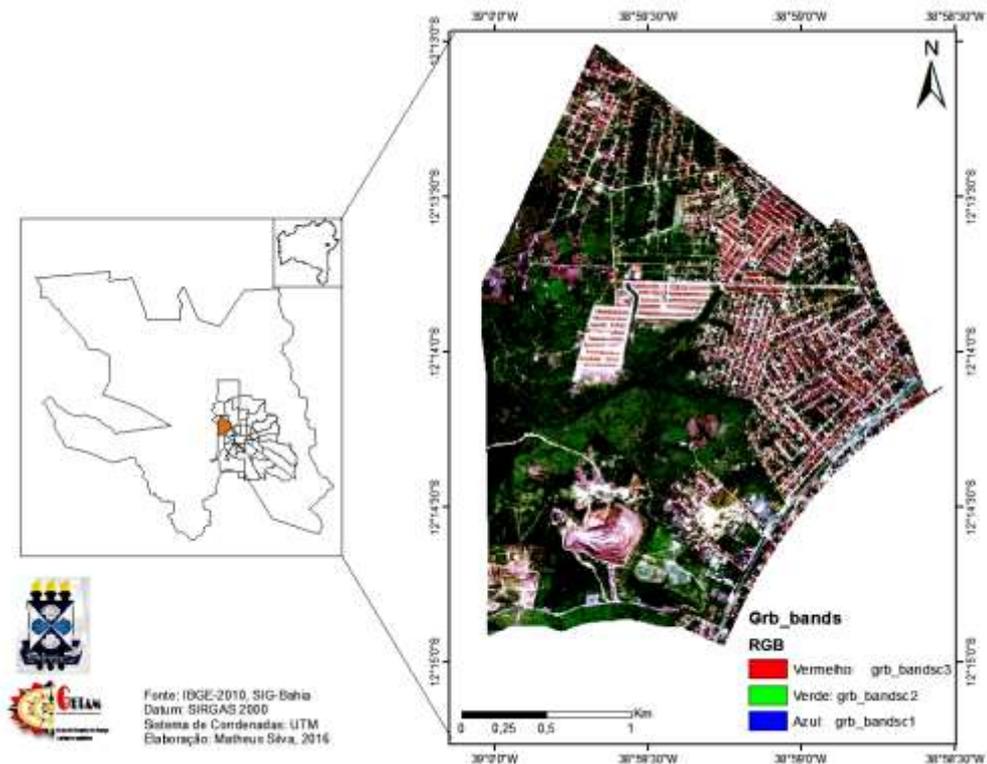


reverbera num sistema de objetos produzidos e organizados de acordo com a lógica capitalista (SANTOS, 2008a).

A disposição desses objetos que compõem o espaço urbano conforma as paisagens, que revelam, por sua vez, os variados graus de intervenção humana em diferentes épocas. Através da observação da paisagem urbana é possível reconhecer o trabalho humano impresso tanto em tempos passados quanto nos tempos atuais (SANTOS, 2008a), bem como a lógica de produção do espaço e seus rebatimentos socioespaciais

Destarte, esse trabalho traz informações sobre a transformação da paisagem do bairro da Gabriela, em Feira de Santana, Bahia, no contexto da produção do espaço urbano, contribuindo, assim, para o entendimento dos seus aspectos geográficos, configurados na relação dinâmica da sociedade-natureza (Mapa 1).

Mapa 1: Localização do bairro Gabriela, Feira de Santana-BA, 2018





Tomou-se como objetivo geral analisar e discutir a transformação da paisagem do bairro Gabriela entre os anos 1970 e 2000. Para tanto, foi necessário Investigar as ações dos agentes de produção do espaço e os rebatimentos socioespaciais e relacionar essas ações com a lógica capitalista de produção do espaço.

Os resultados aqui trazidos podem contribuir para o entendimento do processo de urbanização de Feira de Santana e promover reflexões sobre o uso e ocupação do solo urbano na área estudada. Ademais, a coleta dos dados e informações aqui contidos foi realizada através de entrevistas informais com os moradores mais antigos da localidade e foram analisados à luz das discussões teóricas de Carlos (1994; 1999), Corrêa (1993), dentre outros.

A urbanização do bairro Gabriela em Feira de Santana-BA: algumas considerações

No que antes se constituía de algumas fazendas de gado, aos poucos se tornou num dos maiores bairros de Feira de Santana-BA em extensão territorial com aproximadamente 6km². A paisagem do que hoje se conhece como bairro da Gabriela era caracterizada por ser área de pasto para gado e, ao redor de nascentes ali existentes, vegetação característica do bioma caatinga, e foi nas proximidades de uma das nascentes que a ocupação urbana teve início.

Conforme narraram os moradores mais antigos, os herdeiros de um dos fazendeiros que tinham propriedades na área venderam as terras para o poder público municipal. Pouco tempo depois, uma parte da área começou a ser ocupada de forma irregular por populações oriundas de outras cidades circunvizinhas que vinham para trabalhar em Feira de Santana, bem como por populações advindas de áreas de dentro do Anel de Contorno. Esses grupos de moradores começaram a construir as moradias no entorno da nascente (Figura 1). O que se percebeu com esta ocupação foi a saída de populações por conta do aumento do preço da terra e do aluguel em áreas que, aos



poucos, foram sendo valorizados, como o bairro Jardim Cruzeiro, como consta na fala de uma das moradoras: “*Foi vindo gente morar aqui porque não conseguia mais pagar aluguel. Aí teve essa invasão¹.*”

Na figura 1, em destaque de amarelo à esquerda, é a área onde se deu o início da ocupação do bairro. À direita, uma foto ao nível do chão da mesma área da foto aérea. Em destaque, de amarelo, a área da Fonte dos Milagres. Em vermelho, as primeiras casas que foram construídas. Nota-se alguns moradores tomando banho na nascente denominada Fonte dos Milagres.

Figura 1: Imagens do início da ocupação do bairro Gabriela na década de 1980.



Fonte: Cerqueira et al, 2012.

Adaptado por: Matheus Silva, 2017.

Estes acontecimentos têm um contexto socioeconômico específico: a reestruturação produtiva do capitalismo na década de 1970 que resultou numa crise de moradia instalada em países de industrialização tardia, como o Brasil, e, conseqüentemente, em Feira de Santana. Isso se deu por consequência do processo de desconcentração industrial a partir de São Paulo em direção a outros estados e regiões. Esse processo ocorreu com o objetivo de encontrar outros espaços vantajosos para reprodução do capital (MOTTA ; MATTA, 2009).

¹ Depoimento gravado durante as oficinas de mapeamento participativo realizadas em 2016.



Assim, quando a atividade industrial foi inserida em Feira de Santana, com a criação do Centro industrial do Subaé (CIS), na década de 1970, insere-se uma nova dinâmica, dentre as quais, a atração de grande contingente populacional, que, na maioria das vezes, ia além da capacidade da cidade de se construir equipamentos urbanos para atender a essa demanda (OLIVEIRA, 2014). Como resultado, a cidade expande sua mancha urbana com invasões e loteamentos irregulares.

É somente na década de 1980 que o bairro é oficialmente criado e os loteamentos começam a surgir. Tem-se a promulgação do Decreto nº 4.324, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto nº 4.582, de 6 de abril de 1983, que transformava as fazendas ali existentes em loteamentos para a ocupação urbana, ou seja, conversão da terra rural em urbana. Portanto, o Estado, na figura do poder público municipal, se fez presente a partir de papel normativo, legislador nesse processo; e esta ação do Estado, não só no bairro da Gabriela, mas em todo espaço capitalista, é oriunda da pressão dos agentes fundiários, também vistos como produtores do espaço, que, visando obter uma maior renda da terra, pressionam para converter a terra rural em terra urbana, uma vez que a terra no espaço urbano torna-se mais valorizada que no espaço rural (CORRÊA, 1993; NASCIMENTO e MATIAS, 2011).

Decorrentes das ações supracitadas, é partir da década de 1990 que consideráveis alterações ocorrem na paisagem. Os primeiros loteamentos começam a surgir nas áreas mais planas do bairro, que ainda se encontram por sobre o tabuleiro (Figura 2).

Figura 2: Fotografia aérea de 1982 da Gabriela 1, localizada sobre o tabuleiro, onde iniciou a ocupação por loteamentos.



Fonte: Cerqueira et all, 2012.

Entre 1990 e 1991, o Estado, como agente hegemônico de produção do espaço, passa a intervir nessa área, intervenção essa enviesada pela lógica capitalista que culmina com a criação dos conjuntos habitacionais Arco-Íris, Homero Figueiredo, Alvorada e o Planolar, que refletem o contexto político e econômico do processo geográfico de expansão das atividades capitalistas no espaço brasileiro resultantes do processo de reestruturação produtiva.

Esses conjuntos habitacionais inseridos pelo poder público no bairro Gabriela nada mais objetivavam senão alocar a mão de obra da indústria recém-implantada na cidade. É a intervenção do Estado em torno das condições de moradia para o proletariado que reflete o processo concomitante de industrialização e urbanização. Como infere Freitas (1998, p.164), “o aparecimento de novos bairros, a partir da implantação do CIS em 1970 é um dos mais fortes indicadores do seu poder de atração, apesar de não possuir condições de absorver parte da mão de obra local ou migrante.” Deste modo, a paisagem do bairro passa por mais uma fase de transformação, pois “as cidades, como formas espaciais produzidas socialmente, mudam efetivamente, recebendo reflexos e dando sustentação a essas transformações estruturais que estavam ocorrendo a nível do modo de produção capitalista” (SPOSITO, 2012, p.51).



Curioso foi notar que, ao mesmo tempo em que o Estado intervém na produção de moradias para o proletariado na década de 1990, a ocupação irregular nas proximidades da nascente da Fonte dos Milagres se consolida, se expande com a chegada de novos moradores, tornando ainda mais complexa a configuração paisagística do bairro Gabriela, evidenciando o processo de inclusão e exclusão socioespacial.

As informações oriundas da própria população que viveu o processo de construção do espaço urbano da Gabriela dão conta de que: *“O prefeito [...] foi que loteou a área. Ele deu os terrenos da área do Planolar². O pessoal da favela [área da ocupação irregular] não recebeu os lotes.”*..

Destarte, a paisagem da Gabriela revela a construção dos conjuntos para um grupo populacional que foi atendido pelo poder público com uma moradia ou um terreno dentro do conjunto do Planolar; mas ainda assim insuficiente, pois ainda restaram essas populações sem ter seu direito de habitação assegurado, isto explica o fato de ocuparem a área no entorno da nascente Fonte dos Milagres de forma irregular. São os grupos sociais excluídos, como analisado por Corrêa (1993), assumindo seu papel de agentes modeladores do espaço e, conseqüentemente, da paisagem do bairro.

Na segunda metade da década de 1990, tem-se o surgimento de outro loteamento, o Bela Vista. O processo de construção do loteamento deu-se da forma como é comum no processo de urbanização brasileira: sem infraestrutura alguma para atender às necessidades básicas da população. Como diz afirma uma moradora do lugar: *“O homem vendeu esse loteamento pra gente dizendo que ia ter água, luz, meio fio... não tinha meio fio, não tinha nada!”*. Esse loteamento está a poucos metros do aterro sanitário de Feira de Santana que é visível, portanto, faz parte da paisagem. Pode-se imaginar que dificilmente essa área seria muito valorizada. Sendo assim, recorre-se à Nascimento e Matias (2011, p.72) que afirmam:

² Plano Municipal de Habitação Popular, criado em 1977 pelo Prefeito Colbert Martins da Silva.



[...] para os detentores de terras mal localizadas, em áreas periféricas sem amenidades, em geral, a alternativa viável é a construção de loteamentos populares, como o menor gasto possível na dotação de infraestrutura. Os lotes são comercializados e as carências em infraestrutura seguem para serem dirimidas pela própria população moradora, que passa a pressionar o Estado para que este promova a implantação da infraestrutura necessária.

Este é o contexto em que se deu a transformação da paisagem no loteamento Bela Vista. A própria moradora afirmou que as melhorias alcançadas foram mediante muitos protestos realizados pelos moradores.

Em outra parte do bairro, mesmo após a sua inserção na área do perímetro urbano de Feira de Santana e do adensamento da ocupação urbana com a construção dos conjuntos habitacionais, na década de 1990, ainda permaneceu no espaço urbano uma propriedade tipicamente rural e cabe indagar o porquê de se ter uma propriedade com tais características dentro do perímetro urbano? Seriam terras de especulação imobiliária ou pousio social?

Os proprietários fundiários, como infere Corrêa (1993), agem para tornar suas terras mais rentáveis buscando inseri-las no perímetro urbano. Ato que ocorreu e que iniciou ao processo de formação do bairro Gabriela. No entanto, o fato de transformar as terras rurais em urbanas não significa que, após a conversão, serão de imediato ocupadas e muito menos que venham cumprir sua função social. A manutenção desse vazio urbano é explicada por Corrêa (1993) e Nascimento e Matias (2011) que afirmam ser comum a manutenção dessas glebas, pois a intencionalidade do proprietário fundiário é o de valorizá-las o máximo possível a fim de obter maior renda. Durante o período especulativo, o poder público promove infraestrutura urbana e as áreas circunvizinhas começam a ser urbanizadas, ou seja, as benfeitorias começam a ser inseridas e tudo isto promove a valorização fundiária.

Saindo da década de 1990 e partindo para os anos 2000, profundas e significativas mudanças ocorrem no mundo globalizado e estas mudanças irão se reverberar no bairro da Gabriela. Tem-se o avanço da urbanização com a inserção de



conjuntos habitacionais do programa do governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”, o conjunto Solar da Princesa e Portal da Princesa (Figura 03)

Figura 03: Conjunto habitacional “Portal da Princesa” . Equipamento urbano que passa a compor a paisagem da Gabriela a partir de 2000.



Fonte: Solange Silva, 2017 (esq.);

Todos esses empreendimentos imobiliários que passaram a compor a paisagem da Gabriela são oriundos, assim entende-se, de uma política econômica que buscou assegurar a mais-valia dos detentores do capital num momento de crise econômica, uma vez que no final da década dos anos 2000, o mundo globalizado passou por uma das mais profundas crises estruturais do capital, a crise de 2008, iniciada nos Estados Unidos que se espalhou por vários países. Nesta crise, o sistema capitalista reforçou ainda mais sua natureza incontrolável de transformar tudo o que existe em mercadoria e sua incapacidade de solucionar os problemas que o próprio sistema cria e que a seu funcionamento é inerente (MÉSZÁROS, 2002 *apud* OLIVEIRA e PONTE, 2009).

A crise que se alastra pelo mundo alcança os países periféricos como o Brasil. Neste momento, o Estado, a fim de manter ou de criar outras condições para a reprodução e acumulação ampliada do capital, adota medidas políticas e econômicas consideráveis (OLIVEIRA; PONTE, 2009); medidas estas que estão registradas na paisagem não só do bairro Gabriela, mas em todo o espaço brasileiro. Daí abre-se aqui um interregno para ressaltar a importância do estudo e análise do espaço geográfico a



partir da categoria paisagem, pois esta revela (ou pode esconder também) as intencionalidades dos agentes produtores do espaço, sejam eles hegemônicos ou não hegemônicos, pois, como afirma Carlos (1999), a paisagem é fruto de um momento específico de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas e que, portanto, vão se revelar nos objetos que compõem a paisagem.

Retomando esse contexto de recessão econômica, o governo brasileiro adota algumas medidas, dentre elas, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), cuja intencionalidade seria de reagir à crise econômica mundial do fim de 2008, na tentativa de estimular a criação de empregos e de investimentos no setor da construção civil. Entende-se que houve consideráveis impactos positivos deste programa, uma vez que a Região Nordeste possui um dos maiores déficits habitacionais do país e, no contexto estadual, Feira de Santana se destaca neste quesito, tanto é que foi aqui que os primeiros imóveis do projeto foram construídos e é uma das cidades brasileiras que tem maior quantidade de empreendimentos deste tipo³. Com isso, a dinamização da morfologia espacial da Gabriela se acentua; a heterogeneidade da paisagem, como discutido por Santos, M. (2008b), se evidencia e se torna perceptível aos olhos dos moradores locais.

Em pesquisa de campo realizada em 2016, percebeu-se que a área estava em intenso momento de dinamização de sua morfologia espacial. Vários imóveis sendo construídos financiados pelo banco estatal Caixa Econômica Federal (Figura 04).

Figura 04: Área do Loteamento Leia em 2007 ainda sem construções (esq) e atualmente (dir. acima e abaixo)

³ Informações obtidas em comunicação oral no 6º Seminário Urbanismo na Bahia, 2016, Feira de Santana-BA na oficina: **Participação social:** gestão democrática e as instâncias de controle social no âmbito da política de habitação, por Paula S. Brito e Lidiane R. de Oliveira.



Fonte: Google Street View, 2017 (esq); Matheus Silva, 2017 (dir. acima e abaixo).

Como afirma um dos moradores locais: “*Antes era tudo mato. A Caixa [Econômica Federal] saiu comprando tudo. Aí é tudo Caixa*”. Aqui vale a pausa para refletir: tem-se o poder público municipal e um grande banco estatal atuando juntos como promotores imobiliários. Como se pretende avançar mais um pouco e entender o que está por detrás dessa paisagem, indaga-se: o que a paisagem tem revelado é um processo de financerização imobiliária? É a lógica de um banco (e qual é a lógica de uma instituição bancária) articulada ao provimento de moradias? O que está em evidência não é simplesmente o provimento de habitação para as camadas da sociedade que não têm onde morar, mas, sim, a utilização da necessidade básica do ser humano de habitar, de viver, para reprodução do capital, bem como a transformação do capital em imóvel; este é o principal interesse desses agentes, como esclarece Corrêa (1993). É a cidade apropriada como uma mercadoria, um produto.

Nessa mesma perspectiva, o que ocorre no processo de urbanização contemporânea do território nacional e que se reflete na paisagem da Gabriela, como discute Botelho (2007), é a articulação entre o setor imobiliário e o capital financeiro quando dos períodos de crise do capital. A estruturação dessa nova área urbana da Gabriela é uma resultante deste processo supracitado que se apropria de um elemento dado pela natureza – o solo – como uma mercadoria de onde se pode obter o lucro.



Neste caso da integração entre capital financeiro e o setor imobiliário no processo de comercialização do solo urbano, Lefebvre (1999 *apud* BOTELHO, 2007, p.11) infere:

o “imobiliário”, como se diz, desempenha o papel de um segundo setor, de um circuito paralelo ao da produção industrial voltada para o mercado dos “bens” não duráveis ou menos duráveis que os “imóveis”. Esse segundo setor absorve os choques. Em caso de depressão, para ele afluem os capitais. Na medida em que o circuito principal, o da produção industrial corrente dos bens “mobiários”, arrefece seu impulso, os capitais serão investidos no segundo setor, o imobiliário. Enquanto a parte da mais-valia global formada e realizada na indústria decresce, aumenta a parte da mais-valia formada e realizada na especulação e pela construção imobiliária.

Por fim, a apropriação privada da natureza por poucos indivíduos – agentes hegemônicos de produção do espaço – para posterior comercialização, reflete a lógica inerente ao capitalismo de reprodução e acumulação ampliada de capital a partir da apropriação da natureza e conversão da terra em mercadoria, é o que denota a estruturação do espaço urbano da Gabriela e que se manifesta em sua paisagem construída no decurso do tempo.

Considerações finais

Não se pretendeu esgotar as discussões sobre a dinâmica produção do espaço do bairro da Gabriela revelado na paisagem, cujos elementos mais representativos foram identificados e trazidos pelos moradores entrevistados, mas, sim, de se ter um panorama sobre como a paisagem foi sendo transformada através da visão deles e, a partir dessa visão, refletir sobre as ações dos agentes produtores do espaço urbano no bairro da Gabriela, em Feira de Santana-BA, e o processo histórico geográfico de formação do mesmo.

Foram investigadas as ações executadas pelo Estado, como um dos principais agentes de produção do espaço através de suas ações de intervenção com a transformação da área do bairro, antes rural, em área urbana por meio de decretos,



depois, com suas ações estruturantes inserindo conjuntos habitacionais, abrindo vias ; ações essas orientadas pela necessidade de atender as demandas do capitalismo industrial, no início da formação do bairro, e, mais recentemente, a partir dos anos 2000, ações voltadas para atender aos interesses do capitalismo financeiro.

Além do Estado, foram identificados outros agentes produtores do espaço, estes não hegemônicos, como loteadores e as populações excluídas. Os loteadores promoveram a ocupação de áreas que não seriam de interesse dos grandes empreendedores imobiliários, e as populações excluídas ocuparam áreas extremamente frágeis ambientalmente, ações que se refletem na paisagem e que denotam o processo de exclusão dessas populações do acesso à moradia adequada. Portanto, analisar a transformação da paisagem do bairro Gabriela significou espacializar a materialização da lógica global capitalista na escala local.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Adriano. A cidade como negócio: produção do espaço e acumulação do capital no município de São Paulo. **Rev. Cadernos Metrôpole**, São Paulo. v.2, n.18, p. 15-38, jul-dez 2007. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/viewFile/8727/6474>> Acesso em: 20/04/2017

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____ **A cidade**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

CERQUEIRA, Patrícia. A.; CHAVES, Joselisa Maria ; NOLASCO, MarjorieCsekö . "Lágrimas da Gabriela": Evolução do bairro da Gabriela e suas implicações na paisagem de Feira de Santana, Bahia.. In: **Encontro Regional de História**, Historiador, a que será que se destina?. 2º, 2004, Vitória da Conquista-BA. *Anais...* Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2004, v. 1. p. 44-44. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/patricia_a._cerqueira.pdf> Acesso em: 21/03/2017.



CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1993.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana**: influência da industrialização 1970-1996. 1998. 189 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 1998.

MOTTA, Diana; MATA, Daniel. A importância da cidade média. **Rev. Desafios do desenvolvimento**. Brasília-DF, Ano 6, v.1, n. 47, p. 55-70, fev. 2009. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1002:a-importancia-da-cidade-media&catid=29:artigos-materias&Itemid=34>. Acesso em: 15/04/2014.

ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1002:a-importancia-da-cidade-media&catid=29:artigos-materias&Itemid=34>. Acesso em: 15/04/2014.

NASCIMENTO, Ederson; MATIAS, Lindon Fonseca. Expansão urbana e desigualdade socioespacial: uma análise da cidade de Ponta Grossa (PR). **Revista RA'EGA**. Curitiba. v.23, nº p.65-97. Jul-dez 2011

OLIVEIRA, Aécio Alves de; Júlio PONTE, Ramon Teles da. Capital, Estado e sociedade no século XXI. **Rev. Universidade e sociedade**, Brasília-DF, v. 19, n. 44, p. 9-23, julho 2009. Disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-19120741_67.pdf> Acesso em: 06/09/2015

OLIVEIRA, Maria Leny Souza. **Feira de Santana no contexto da urbanização brasileira e a questão da moradia na favela**. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2014

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: Edusp, 2008b

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2012.